Resenha bibliográfica

Perlonger, Néstor. *O negócio do michê – a prostituição viril.* São Paulo, Brasiliense, 1986. 261 p.

O livro é a versão original da dissertação de mestrado em antropologia social, apresentada à Unicamp em 1986. O material descrito é fruto de uma pesquisa de campo realizada de março de 82 a janeiro de 86, utilizando a observação participante e histórias de vida.

Foram estudados prostitutos masculinos, especificamente os de características viris, e que, por procurar acentuá-las até a estereotipia, são chamados de "michês machos". São, em geral, muito jovens. Saem à rua à procura de um parceiro, buscando atrair clientes homossexuais, mais velhos, com boa situação econômica, e que procurem uma relação com base nas diferenças. Destacam-se, assim, de outros prostitutos masculinos tais como os travestis, os prostitutos afeminados, conhecidos como michês bichas, e os michês *gays*, um grupo que começa a surgir com uma nova tendência de relacionamento homossexual:*gay-gay*.

Como o próprio autor procura destacar, nenhuma destas categorizações é estanque, pois fazem parte do discurso de um dentre os tantos grupos marginais que se esbarram na noite paulista. São michês, prostitutas, cafetinas, trombadinhas, *gays*, boêmios, cada qual com sua realidade, seu mundo. Ocorre ainda que o "mundo *gay*" é repleto de constantes transformações em sua moral e que as classificações são feitas, muitas vezes, tendo em vista o local onde o michê "faz ponto", muito mais do que suas próprias características.

Apesar de sua prática, o michê macho não se considera homossexual, pois, em seu discurso, as relações homossexuais que estabelece são colocadas como trabalho, algo que se faz em troca do dinheiro, e não do prazer.

A relação entre o michê e o cliente está cercada por um clima de violência; trata-se de um relacionamento assimétrico, onde se pressupõe uma troca, mas onde o contrato é sempre muito fluido, dando margem às mais diversas aberrações. Numa mesma situação, desejo e perigo se entrelaçam, talvez de forma proposital.

O livro busca descrever esta realidade, a entidade deste grupo marginal que, a princípio, parece distanciar-se tanto do nosso, da realidade do senso comum. Por outro lado, estas relações estão em nossa sociedade, e se de alguma forma elas se distanciam dos valores por ela disseminados, elas também os reproduzem e tornam possíveis a sua existência.

Talvez para nós psicólogos fosse importante pensar nesta rede de desejos distintos, descritos pelo autor. Há muito, a homossexualidade tem sido objeto do nosso estudo e nem sempre, ou quase nunca, tem-se considerado a versão que este

próprio grupo faz de si. Reconhecer o homossexual, ou o michê – esta categoria ainda mais estranha – como um indivíduo, imerso neste nosso emaranhado social, com seus desejos, sua história, suas capacidades e impossibilidades pode, quem sabe, transformá-lo num ser mais próximo do nosso padrão de normalidade.

SORAYA NAFFAM FERREIRA